

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. et al. *Le Métier De Sociologue*. Paris: Mouton, 1968.
- DA MATTA, R. Antropologia. In: DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: FGV-MEC, 1986.
- FUNARI, P. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- GEERTZ, P. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LÉVI STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril Cultural, 1878. v. 35, p. 329-410.
- _____. Para a Crítica da Economia Política. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril Cultural, 1978. v. 35, p. 107-264.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974. v. 2.
- OLIVEIRA, R. Cardoso de. *O Índio e o Mundo dos Brancos*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SUANO, M. *O Que é Museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TYLOR, Edward. La ciencia de la cultura (1871). In: KAHN, J. (org.) *El concepto de cultura: textos fundamentais*. Barcelona: Anagrama, 1975.
- WEBER, Max. *sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1974.

EDWARD PALMER THOMPSON E A TRADIÇÃO HISTORIOGRÁFICA MARXISTA

José Alves de SOUZA JÚNIOR
Departamento de História e
Antropologia da UFPA.

A produção historiográfica fundada no materialismo histórico tem contribuído, sobremaneira, para o desenvolvimento da historiografia, quer em nível nacional, quer em nível internacional. O objetivo do presente trabalho é apresentar a proposta historiográfica de EDWARD PALMER THOMPSON, a partir da análise crítica de duas de suas obras: *A Miséria da Teoria* e *A Formação da Classe Operária Inglesa*.

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo, Stalinismo, Historiografia, Experiência, Multiplicidade, Classe Operária.

Whether viewed from a national or international level, historical materialism has overwhelmingly contributed to the development of historiology, and to the quantity of historiographic works. The purpose of this paper is to present Edward Palmer Thompson's historiographic proposal, beginning with a critical analysis of his two treatises: *The Poverty of Theory*, and *The Making of the English Working Class*.

KEY WORDS: Marxism, Stalinism, Historiography, Experience, Multiplicity, Working Class.

1 A PROPOSTA HISTORIOGRÁFICA DE THOMPSON VERSUS O MARXISMO ESTRUTURALISMO ALTHUSSERIANO

Edward Palmer Thompson, juntamente com Eric Hobsbawn, Christoffer Hill, Rodney Hilton, pertence a uma tradição historiográfica de cunho marxista que tem se notabilizado por uma incansável discussão

teórica sobre o trabalho historiográfico realizado a partir das práticas do materialismo histórico e por uma intensa produção historiográfica. Militantes do Partido Comunista Inglês até 1956, a maioria dos integrantes desse grupo rompeu com o partido quando da invasão da Hungria pelas tropas soviéticas, tendo esse rompimento produzido um salutar debate intelectual, que se desenvolveu no sentido de repensar o marxismo e as práticas políticas nele fundadas. Ao se desvincularem do Partido Comunista Inglês, esses historiadores rompiam, na realidade, com a prática política gerada pelo Stalinismo, cujos pressupostos teóricos não só foram questionados, mas, também, desmascarados.

A obra de Thompson tem sido marcada por uma tenaz luta contra os marxismos que se caracterizam pelo determinismo econômico e pela exclusão da experiência humana do processo histórico. Em *A Miséria da Teoria* (THOMPSON, 1981) trava uma violenta polêmica contra o pensamento de Louis Althusser, responsável pelo desenvolvimento de um marxismo eminentemente estruturalista, que desconhece a validade do materialismo histórico como prática historiográfica, pois considera que o conhecimento produzido pelo mesmo é essencialmente ilusório, na medida em que está assentada no *empirismo*, cujas evidências estão impregnadas de conteúdo ideológico. Para Thompson, o marxismo althusseriano não só coloca em xeque o próprio materialismo histórico, invalidando toda uma tradição historiográfica marxista e o conhecimento substantivo por ela produzido, mas a própria razão, pois, segundo Althusser, o objeto real da história é incognoscível, é inacessível ao conhecimento. Na verdade, Althusser confunde a investigação empírica, fundada no diálogo permanente entre o conceito e a evidência, com o empirismo, desenvolvendo formas de pensamento que, segundo Thompson, podem ser chamadas de idealistas. Em lugar do permanente diálogo entre o conceito e a evidência empírica inerente à produção do conhecimento e à prática do próprio Marx, Althusser propõe uma *prática teórica*, onde a teoria explica a si mesma sem que haja necessidade de qualquer confrontação com a realidade empírica. De acordo com Thompson,

“o idealismo althusseriano consiste em um universo conceptual auto-gerador que impõe sua própria idealidade aos fenômenos da existência material e social, em lugar de se empenhar num diálogo contínuo com os mesmos” (THOMPSON, 1981, p. 22).

No estruturalismo marxista althusseriano, as categorias conceptuais formuladas por Marx transformam-se em entidades independentes da vontade humana, que a submetem e a manipulam, tornando a história um jogo teórico, no qual a evidência histórica é desprezada, pois é considerada uma manifestação ideológica. Na opinião de Thompson, o marxismo althusseriano constitui-se num *sistema de fechamento*, já que o processo histórico está encarcerado dentro da estrutura dominante, que determina o seu desenvolvimento. Nele, os homens, ao invés de assumirem a condição de sujeitos de sua própria história, estão submetidos a determinações estruturais que o reduzem à condição de *triggers* ou *vetores* do processo histórico. Althusser considera que a realidade social está dividida em *níveis* ou *instâncias* (econômica, política, social, ideológica), que, apesar de interligadas, mantêm uma *autonomia relativa* entre si, atuando o econômico como *determinante em última instância*. Esses *níveis* se desenvolveriam em ritmos desiguais, o que justificaria sempre a existência de uma defasagem entre o desenvolvimento da infra-estrutura e da superestrutura de uma dada formação social. Recordemos o trabalho de Nicos Poulantzas, *Poder Político e Classes Sociais*, onde, no capítulo em que analisa a natureza social do Estado Absolutista por ele considerado como um Estado de transição, o autor enfatiza que o Estado Absolutista já pode ser considerado como um Estado capitalista num momento em que a burguesia e o Capitalismo ainda não são nem a classe nem o modo de produção dominantes. Na análise de Poulantzas, fundada no marxismo estruturalista althusseriano, isso demonstraria a existência de uma defasagem entre a superestrutura, que já seria capitalista, e a infra-estrutura, que permaneceria feudal. Os *níveis* ou *instâncias* althusserianos, articulados entre si, engolem homens e mulheres que, apanhados nesse redemoinho, têm sua ação neutralizada, ou melhor, eliminada. A *prática teórica*, por se constituir num simples jogo de palavras, composto de conceitos estáticos, autoconfirmadores e desprovidos de qualquer conteúdo histórico e social, expulsa da história a experiência humana e o processo quando concebido como prática humana. No althusserianismo, as categorias conceptuais são transformadas nos sujeitos da história, que passa a ter um sentido determinado pela teoria e a ser esvaziada de qualquer conteúdo real.

2 NO QUE MARX FAVORECEU ALTHUSSER

Na opinião de Thompson, o próprio Marx, através dos seus *silêncios*, favoreceu a criação desses monstros intelectuais como o marxismo estruturalista althusseriano. Ao pretender em *O Capital* escrever a história do desenvolvimento das formas do capital e não a história do Capitalismo para se contrapor à Economia Política burguesa, Marx, da mesma forma como os economistas clássicos burgueses, acabou aprisionado por um redemoinho teórico que o levou à formulação de conceitos descolados da realidade empírica, produzindo uma antiestrutura àquela estrutura. Ao ficar preso nas armadilhas dos circuitos do capital – uma imanência que se manifesta em *formas* – Marx distanciou-se das hipóteses do materialismo histórico presentes em suas obras históricas*, fazendo de *O Capital* uma obra ahistórica, pois “a Economia Política, incluindo a *antiestrutura* de Marx, não dispunha de termos que se tornam, imediatamente, essenciais para que compreendamos as sociedades e as histórias. A Economia Política tem termos para o valor de uso, o valor de troca, o valor monetário e a mais-valia, mas não para o valor normativo. Não tem termos para outras áreas da consciência” (THOMPSON, 1981, p. 181). É ao lado *Grundrisse* de Marx que, segundo Thompson, Althusser recorre para legitimar a sua autoridade teórica, pois, ao abandonar as hipóteses do materialismo histórico na sua luta contra a Economia Política, Marx deixou espaços para que o marxismo fosse transformado em uma *ciência*, na qual as categorias conceptuais assumiram o papel que na história está reservado aos seres humanos.

“É na noção mesmo do marxismo como ‘ciência’ que encontramos a marca registrada do obscurantismo, e de um obscurantismo copiado, como tantas outras coisas, de uma ideologia burguesa de grande longevidade” (THOMPSON, 1981, p. 186).

* “O 18 Brumário de Louis Bonaparte”, “As Lutas de Classes na França”.

O que precisamos entender, adverte Thompson, é que o marxismo deve ser visto como uma *teoria da história*, cujos pressupostos devem ser permanentemente confrontados com a realidade empírica, e não como *leis da história* que estabelecem padrões de desenvolvimento pré-determinados para as sociedades humanas e que inexoravelmente impõem um destino determinado às mesmas.

Embora em *A Miséria da Teoria* Thompson polemize com Althusser, o principal interlocutor é, na realidade, o *stalinismo* que, do ponto de vista teórico, foi levado por Althusser ao extremo. As práticas políticas desenvolvidas por Stalin na União Soviética, legitimadas por uma ideologia estatal, transformaram o marxismo num conjunto de conceitos e idéias vazios de significado real e pretenderam petrificar a sociedade soviética, submetendo-a inteiramente ao Estado. A partir de um discurso humanista, afirma Thompson, o *stalinismo* procurou suprimir os atributos humanos das pessoas com extrema violência, através de um Estado excessivamente autoritário e repressor, cujos crimes hediondos não estão tão distantes dos cometidos pelo *nazi-fascismo*. Como a posterior *prática teórica* desenvolvida por Althusser, o *stalinismo* procurou sufocar e eliminar a experiência humana da história, atribuindo à mesma um sentido pré-determinado pela Teoria, cujo domínio exclusivo por um pequeno grupo de *iluminados* dava-lhe poder para decidir sobre a vida e o destino das pessoas. Se como experiência histórica específica o stalinismo pertence ao passado, isto não acontece quando consideramos o stalinismo como *ideologia, instituições e práticas que surgiram naquele momento da história*. Como um conjunto de instituições e práticas, o stalinismo, *disseminando-se fora da União Soviética, através do Cominter, impregnou todo o movimento comunista internacional*, como demonstram as práticas eminentemente stalinistas desenvolvidas pelos partidos comunistas em várias partes do mundo:

“centralismo democrático, a supressão das facções e da discussão, o controle exclusivo dos órgãos políticos, teóricos e (na medida do possível) intelectuais do Partido, a calúnia aos críticos e oponentes, e a manipulação disfarçada dos simpatizantes e de organizações de fachada” (THOMPSON, 1981, p. 152-3).

Como na organização do processo de trabalho nas fábricas capitalistas, os partidos comunistas organizaram-se a partir dos pressupostos do Taylorismo, separando os dirigentes – que concebem as práticas políticas – dos militantes – que as executam –, reconhecendo apenas ao pequeno grupo de *iluminados* que compõe a direção do partido a capacidade de pensar e planejar as ações do mesmo, pelo simples fato de dominarem a Teoria que o rege. A taylorização dos partidos comunistas nacionais, organizados nos moldes tipicamente burgueses, é uma das heranças do stalinismo que permanece intensamente viva e que leva ao isolamento dos mesmos das camadas populares, pois seus discursos petrificados procuram tornar realidade idealizações produzidas pelas mentes dos seus ideólogos. O althusserianismo pode ser visto “como a tentativa de restabelecer o stalinismo ao nível da teoria” (THOMPSON, 1981, p. 146).

3 A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE THOMPSON PARA A HISTÓRIA

Em sua produção historiográfica, onde se destaca *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson desenvolve uma proposta teórico-metodológica alternativa à tradição marxista ortodoxa, rompendo com o determinismo econômico e reinserindo a experiência humana no processo histórico, mas sem abandonar os pressupostos do materialismo histórico. Aparentemente, o trabalho metodológico desenvolvido por Thompson em *A Formação...* é o de um historiador tradicional, já que o mesmo é realizado em etapas: definição do tema (a formação da classe operária inglesa), estabelecimento das origens do objeto (o momento originário da classe, apresentando indícios que demonstram que a mesma já está se organizando naquele momento), fixação de um momento de análise do seu objeto (o período de 1770 a 1830 da história inglesa, no qual camponeses e artesãos estão sendo violentamente expropriados dos seus meios de produção e seu modo de vida degradado), descrição do objeto (as classes trabalhadoras inglesas) e conclusão (o momento originário da classe

operária inglesa aponta para outras direções que não as apontadas pela historiografia tradicional ortodoxa). Esse aparente tradicionalismo dilui-se a partir de determinados pressupostos de análise por ele adotados. Thompson rejeita a definição de classe desenvolvida pelo marxismo ortodoxo, que a transforma num modelo, numa categoria, numa coisa que pode ser congelada no tempo e levada para um laboratório para ser dissecada como um cadáver. O conceito marxista de *classe em si*, segundo o qual a classe é determinada pela posição do indivíduo nas relações de produção e que atesta a existência da classe independentemente dos indivíduos que a compõem se conceberem como tal, foi abandonado por Thompson, que define a classe como um fenômeno histórico, como uma relação social, como algo que realmente acontece na sociedade, ou seja, algo sujeito à observação empírica. Concebida dessa maneira, a classe passa a ser vista como um fenômeno fluido, que não pode ser congelado nem levado para um laboratório, como algo que se encarna numa multiplicidade de experiências, de pessoas, acontecendo de múltiplas maneiras.

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus” (THOMPSON, 1987, p. 10).

Para Thompson, não existe classe sem consciência de classe, pois ambas se constroem simultaneamente, não havendo cesura entre o mundo material e o mundo das idéias. Fundamentado nesses pressupostos, Thompson parte – em sua análise sobre a formação da classe operária inglesa – de uma experiência histórica concreta: a fundação da Sociedade Londrina de Correspondência – SLC, no final do século XVIII. Esse seria o momento originário da classe operária inglesa, na medida em que a S.L.C. é vista como o resultado da ação auto-motivada e auto-organizada das classes trabalhadoras inglesas, que assim demonstravam estar construindo uma identidade de interesses.

Ao conceber a história como um processo contínuo, no qual o passado é permanentemente reelaborado sob novas formas e sob um novo contexto, Thompson trabalha com idéias latentes, representações que

estão adormecidas nas pessoas e que em alguns momentos são retomadas e rearticuladas. Desse modo, a S.L.C. representaria a retomada e a reelaboração de uma experiência histórica anterior, distante no tempo, relacionada aos debates de Putney em 1642, quando os soldados do New Model Army de Cromwell reunidos passaram a exigir a extensão dos direitos políticos para todos. A violenta repressão que se abateu sobre o movimento teria dispersado os seus integrantes, mas não teria conseguido apagar das mentes a sua principal reivindicação: o sufrágio universal. Quando na S.L.C. se começou a discutir se os trabalhadores tinham o direito de exigir uma reforma parlamentar, a velha reivindicação estava presente sob uma nova forma e sob um novo contexto. A S.L.C. constituiu-se para Thompson num indício de que a classe operária inglesa já estava em seu *fazer-se*, em seu momento originário, reconhecido por alguns fundamentos como universalidade, organização, luta. Para Thompson, o povo inglês seria portador de uma tradição oposicionista, fundada no princípio do inglês livre de nascimento, que em alguns momentos de sua história permaneceu adormecida e em outros foi reativada. Ao estabelecer vínculos entre os motins de subsistência, as sociedades de correspondência, o luddismo, o owenismo, e outras formas de resistência das classes trabalhadoras na Inglaterra, Thompson nos permite entrever essa antiga tradição cultural que as permeava e lhes dava coerência. Em outras palavras, analisando a natureza das transformações que atuaram não só sobre as condições de trabalho, mas também sobre a totalidade dessa cultura popular, Thompson nos previne contra os modelos lineares de análise histórica sobre o desenvolvimento econômico e nos demonstra que as transformações culturais são ao mesmo tempo conseqüências e condições das transformações econômicas: tal transformação só se realiza pela mediação da experiência e da prática de indivíduos diferentemente situados em relação ao sistema econômico. A recuperação da experiência como elemento conformador do *fazer-se histórico* possibilita romper com o esquematismo estruturalista marxista, que subdivide a realidade em *níveis* ou *instâncias* hierarquizadas, atribuindo à instância econômica o poder de explicar a realidade na sua totalidade. Isso permite a Thompson resgatar as idéias e a importância dos valores, das tradições, atribuindo-lhes um lugar material.

A concepção de classe como um fenômeno histórico, como uma relação social, permite a Thompson pensar a classe como uma relação de luta, que não ocorre num lugar específico – como a fábrica por exemplo –, mas que se dá em todo lugar, permeando as relações dos indivíduos que a compõem. Assim, em sua análise, Thompson privilegia o tempo, não apenas como uma cronologia, mas como luta, como relação social, como momento histórico. O tempo histórico é constituído na luta cotidiana dos indivíduos pela sua sobrevivência, seus interesses, suas paixões, suas convicções, não se constituindo numa simples periodicidade cronológica pré-estabelecida pelo historiador, que nela procura enquadrar os eventos históricos. A adoção do pressuposto da classe como relação social também permite a Thompson repensar o movimento operário, desligando-se dos marcos históricos fabricados pela historiografia tradicional, e demonstrar que, na Inglaterra, a classe operária e sua consciência de classe se engendraram a partir de práticas liberais, somadas a comportamentos anteriores às mesmas interiorizados pelas classes trabalhadoras inglesas e ligados à tradição oposicionista que permeava as práticas populares na Inglaterra. O resgate dessa tradição oposicionista popular inglesa e o imbricamento desta com o presente da classe operária inglesa, possibilitou a Thompson recuperar práticas populares cotidianas do passado, que sempre foram vistas pela historiografia tradicional, inclusive marxista, como práticas primitivas, resultantes do espontaneísmo popular, desprovidas de organização e de qualquer forma de consciência. Desse modo, Thompson desenvolve uma trajetória retrospectiva, indo do presente para o passado, ao estabelecer conexões entre o jacobinismo, a dissidência religiosa, o fenômeno do *mob* e o direito do inglês livre de nascimento, experiências consideradas por ele como conformadoras da classe operária inglesa. Rejeitando as interpretações uniformizadoras e generalizantes sobre a origem da classe operária inglesa, Thompson opta pela multiplicidade, trabalhando o multifacetamento contraditório de um mesmo fenômeno. Essa opção leva-o a necessitar da narração, da literatura, para escrever a história, pois ao invés de somar as experiências para construir um modelo, realiza a soma polifacetada, aglutina sem juntar. Essa postura teórico-metodológica evita que se atribua ao fenômeno histórico estudado sentido único e pré-determinado, e permite vê-lo

como algo que contém múltiplas possibilidades. Exemplo disso é a forma como Thompson trabalha a dissidência religiosa, demonstrando que apesar de conter princípios de auto-gestão, de liberdade de consciência, ela não resulta sempre e necessariamente em práticas democráticas. Essa potencialidade, uma entre as múltiplas que a dissidência continha, só se desenvolveu em contato com o jacobinismo. Em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson trava uma polêmica contra as interpretações ortodoxas sobre o movimento operário, começando pela historiografia marxista ortodoxa, que concebe a classe como uma decorrência da posição do indivíduo nas relações de produção e cuja consciência se constitui em um atributo exterior, passando pela sociologia funcionalista, que define a classe a partir da função social dos indivíduos e não admite a existência da consciência de classe, pela ortodoxia fabiana (Hammonds e os Webb), que atribui à classe trabalhadora uma atitude passiva, pois a vê como vítima do *laissez-faire*, pela ortodoxia dos historiadores econômicos empiristas, para quem a formação da classe operária foi consequência da Revolução Industrial, pela ortodoxia do progresso peregrino, que transfere para o passado as preocupações do presente, analisando-o a partir das mesmas e trabalhando os heróis do movimento operário, pela tradição historiográfica liberal inglesa, que vê a história da classe operária, suas conquistas, como resultado do estabelecimento do sistema democrático-liberal, atuando no campo das instituições e não percebendo a sociedade como um campo de luta. Embora discorde dessas interpretações, Thompson não rejeita a historiografia anterior, utilizando-a como banco de dados, já que concebe o conhecimento como um processo cumulativo. A adoção da proposta teórico-metodológica de Thompson implica não se poder trabalhar a história com os pressupostos das ciências exatas e naturais, permeados por modelos, categorias, estruturas. Implica privilegiar a multiplicidade do real e a especificidade das experiências, atentando para a permanente contradição que as envolve. Implica pensar o presente como uma contínua reelaboração multifacetada do passado, em conceber o tempo como uma relação social, como algo que é definido na luta, onde são reelaboradas práticas já vividas ou não vividas, mas que estavam latentes em momentos anteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. v.1, São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.